



PERFIL DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS E NÃO INSTITUCIONALIZADAS

Cardeira, C.

Estudantes de Licenciatura em Psicologia

Almeida, A.

Estudantes de Doutorado em Psicologia

Martins, C.

Estudantes de Doutorado em Psicologia

Bento, M.

Estudantes de Licenciatura em Psicologia

Cabeleira, F.

Estudantes de Licenciatura em Psicologia

Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve
Campus de Gambelas, 8005-139, Faro, Portugal.

Fecha de recepción: 24 de enero de 2011

Fecha de admisión: 10 de marzo de 2011

RESUMO

Diversos estudos prévios têm demonstrado os efeitos nocivos advindos da institucionalização da criança após a retirada da sua família de origem (e.g., Vorria, Rutter, Pickles, Wolking, & Hobsbaum, 1998a, 1998b). O objectivo central do presente artigo consiste em comparar o desenvolvimento global e específico de crianças institucionalizadas e crianças não institucionalizadas. Participaram neste estudo 20 crianças, entre os 3 e os 5 anos de idade ($M= 48.2$ meses; $DP=7.22$). Para determinar o seu desenvolvimento foi utilizada a “*Schedule of Growing Skills II*”.

Os resultados obtidos permitiram constatar que as crianças institucionalizadas apresentaram níveis de desenvolvimento inferiores aos das não institucionalizadas e ainda que as do género feminino revelaram padrões desenvolvimentais mais elevados comparativamente ao masculino.

As implicações práticas dos resultados obtidos serão discutidas com o objectivo de evidenciar a importância do desenvolvimento, da sua avaliação e intervenção em contextos específicos, no sentido de alcançar níveis desenvolvimentais normativos, em contextos de educação de infância.

Palavras-chave: institucionalização, crianças, desenvolvimento infantil, contexto familiar, competências pessoais.



PERFIL DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS E NÃO INSTITUCIONALIZADAS

ABSTRACT

Several previous studies have proved the harmful effects caused by the removal of children from their natural families to institutions, in general (e.g., Vorria, Rutter, Pickles, Wolking & Hobsbaum, 1998a, 1998b). The main objective of this article consists in comparing the development of children living with their own families and children living in institutions. 20 children participated in this study, with an age between the 3 and the 5 years old, and an average of 48.2 months. To determinate the growth of the children was used the “*Schedule of Growing Skills II*”.

The results show that the children living in institutions presents lower levels of improvement than the children living within their own families, and the feminine gender revealed higher development patterns compared to males.

The practical implications of the results will be discussed to make evident the importance of assess and specific intervention, in contexts of childhood education.

Key Words: living in an institution, children, children’s development, familiar context, personal competences.

INTRODUÇÃO

As suas necessidades e as influências do meio no desenvolvimento das crianças

A rede de apoio social é dinâmica, constrói-se e reconstrói-se em todas as fases da vida. Constitui-se enquanto efeito protector, relacionado com o desenvolvimento de capacidades para enfrentar as adversidades, promovendo a resiliência e o desenvolvimento adaptativo (Brito & Koller, 1999; Garmezy & Masten, 1994; Rutter, 1987).

O bebé ao apreender as figuras significativas como protectoras e disponíveis, irá sentir-se confiante e seguro na exploração do ambiente que o rodeia (Bowlby, 1998). Crianças com vinculação segura, tendem a apresentar melhores competências pessoais (e.g., elevada auto-estima, resiliência, competência cognitiva), superiores competências com os pares (e.g., sentimentos mais elevados de reciprocidade, empatia, resolução de conflitos) e mais facilidade na mediação com adultos (e.g., obediência às regras e autonomia, percepções e expectativas favoráveis que os adultos nutrem por estas crianças) (Soares, 2002; Sroufe, 2005).

O comportamento infantil depende das experiências promotoras do seu desenvolvimento, bem como da estimulação sensorial que influencia o desenvolvimento neural, pelo que a influência do ambiente, no início de vida, revela-se primordial para posteriores acontecimentos, independentemente das características de experiências tardias (Rutter, 1981).

Diversos estudos analisaram os efeitos da restrição sensorial na infância sobre a futura performance cognitiva, salientando que o grau de reversão dos efeitos negativos da privação materna depende da duração e severidade dessa privação, da idade da criança aquando do término da privação e da quão completa é a mudança no ambiente (Rutter, 1981).

Rutter (1981) refere seis características necessárias para uma maternidade adequada: (1) um relacionamento de amor; (2) vinculação; (3) suporte maternal seguro e inquebrável; (4) estimulação adequada; (5) a maternidade providenciada por uma pessoa; (6) ocorrer dentro da própria família da criança. Desta forma, o papel da figura materna na primeira infância é fundamental. Segundo Gonçalves (2008), as mães deprimidas tornam os bebés pouco atractivos pela redução de estímulos que lhes proporcionam. Um bebé atractivo é percebido pelos outros como sendo comunicativo, chamando à atenção, recorrendo ao sorriso, à expressão facial e ao vocalizar. Ao tornar-se “não atractivo”, o interesse que os outros têm por ele diminui, reduzindo a interacção. Este comportamento do bebé pode ditar futuros padrões de interacção que irão caracterizar as suas vivências.



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

A institucionalização da criança – crescer sem família

Em Portugal, segundo o Plano de Intervenção Imediata, o sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens conta com 354 instituições: 230 lares de infância e juventude, 94 centros de acolhimento temporário, três centros de acolhimento de emergência, três apartamentos de autonomização, sete centros de apoio à vida e 17 Lares Residenciais (Fontoura, 2008). O Acolhimento Temporário permite o acolhimento imediato e transitório de crianças em situações de urgência, decorrentes de abandono, maus-tratos ou negligência.

Contudo, atendendo a que os cuidados ramificados por vários cuidadores, podem impedir a construção de uma interacção privilegiada, rica e empática criança-adulto, os prestadores de cuidados deverão manifestar continuidade, disponibilidade e sensibilidade da resposta (Bowlby, 1981).

Embora as potenciais consequências sejam alarmantes, existem lares familiares nos quais o ambiente físico e social é tão empobrecido e caótico que a colocação de uma criança numa instituição pode propiciar a recuperação e o crescimento psicológico (Dell'Aglio & Siqueira, 2005). Deste modo, a instituição de abrigo torna-se necessária, sendo importante transformá-la num ambiente de desenvolvimento, capacitando-a e instrumentalizando-a para promover a protecção da criança, bem como o proporcionar de uma intervenção especializada (Ramião, 2004).

Deste modo, instituições com um bom nível de estimulação cognitiva e adequados cuidados infantis não conduzirão, necessariamente, a prejuízos de âmbito intelectual (Rutter, 1981), mas existem outros factores que devem ser considerados. As crianças que vivem em instituições na infância, e que se mantêm até, pelo menos, aos três anos de idade, estão numa situação menos propícia à formação de vínculos, o que parece criar nas crianças maior probabilidade de padrões de desinibição social, amizade indiscriminada e alguma incapacidade em estabelecer relações duradouras (Goldfarb, 1955; Prince & Bocio, 1958a, 1958b, citados em Rutter, 1981).

Rutter (1981) refere o trabalho de Tizard (1971), no qual a institucionalização na faixa dos 3 anos de idade é uma condição que se pode associar a um potencial distanciamento afectivo e insucesso no desenvolvimento de vínculos. No entanto, poderá não interferir com o normal desenvolvimento da linguagem e da inteligência. Outro domínio que geralmente é afectado prende-se com o peso e a altura, que poderão apresentar níveis abaixo do esperado para a faixa etária (Benoit, Moddeman, & Embree, 1996; Groze & Ileana, 1996; Rutter & Era Study Team, 1998).

Martins (2005) entende que a institucionalização supõe riscos objectivos e reais para o desenvolvimento harmonioso da criança sendo que: (1) cria demasiadas regras na vida quotidiana; (2) impossibilita a criação do próprio espaço; (3) a vivência em grupo pode interferir na organização da intimidade; (4) a organização institucional e a permanência prolongada das crianças pode dificultar a construção da sua autonomia pessoal, na medida em que suspende a construção do projecto de vida, e (5) o profissionalismo na prestação de cuidados pode não permitir o desenvolvimento de vínculos e a expressão dos afectos.

Deste modo, alicerçando-se nos princípios fundamentais e resultados previamente apresentados, os objectivos do presente trabalho empírico consistem em identificar e avaliar o perfil de desenvolvimento global e específico de crianças institucionalizadas e crianças não institucionalizadas, analisando as suas principais diferenças.

MÉTODO**Participantes**

No presente estudo participaram 20 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos ($M=48.2$ meses; $DP=7.22$). No que se refere ao grupo das 10 crianças institucionalizadas em regime de acolhimento temporário, a média de idades é de 49.1 meses ($DP=7.64$). O grupo de 10 crian-



PERFIL DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS E NÃO INSTITUCIONALIZADAS

ças a viver em contexto familiar, ou seja não institucionalizadas, apresentam uma média de idades de 47.2 meses ($DP=7.05$).

As instituições que colaboraram neste estudo foram o Refugio Aboim Ascensão – Centro de Acolhimento de Emergência Infantil e o Jardim-Escola João de Deus, ambos em Faro.

As variáveis sócio-demográficas em estudo foram a idade, sexo e situação de institucionalização das crianças.

Instrumento

Neste estudo, aplicou-se o instrumento “*Schedule of Growing Skills II*”, escala de avaliação de competências de desenvolvimento infantil, que abrange as seguintes áreas: (1) controlo postural passivo e activo, (2) locomotoras, (3) manipulativas, (5) visuais, (6) audição e linguagem, (7) fala e linguagem, (8) interacção social, (9) autonomia pessoal e (10) cognitivas (Aukett, Bellman, & Lingam, 2005; Manual do utilizador da *Schedule of Growing Skills II*, (Bellman, Lingam & Aukett, 1996), 2010)

Procedimento

Após autorização por parte das instituições, procedeu-se a um período de ambientação das crianças aos investigadores, após o qual se iniciou a recolha de dados com a aplicação directa do instrumento. Uma vez que nem todos os comportamentos eram passíveis de observação, alguns aspectos foram indagados junto das educadoras (e.g., hábitos de higiene e autonomia, idade cronológica, autonomia no vestir/despir).

O presente estudo é de cariz descritivo-exploratório e de natureza quantitativa. Os resultados obtidos no perfil de desenvolvimento global de cada criança, foram posteriormente transformados em quocientes desenvolvimentais (idade desenvolvimental/idade cronológica*100), de modo a auxiliar a respectiva análise e interpretação de dados. Esta procedeu-se com recurso ao programa PAWS. Primeiramente foi calculado o teste de normalidade e verificou-se que todos os valores sendo significativos, não garantiam a normalidade, por isso a estatística utilizada foi a não paramétrica.

RESULTADOS

Seguindo o objectivo geral deste estudo, analisaram-se as diferenças entre os valores obtidos pelas crianças institucionalizadas e não institucionalizadas, nos diversos quocientes desenvolvimentais. Os resultados (teste Mann-Whitney) revelam a existência de diferenças de médias (tabela 1), estatisticamente significativas, de magnitude moderada, nos valores obtidos para o Quociente de Desenvolvimento Global ($U=23.500$; $Z=-2.004$; $p=.045$; $r=.448$), QD da Audição e Linguagem ($U=24.00$; $Z=-1.969$; $p=.049$; $r=.440$) e, principalmente, no QD Cognitivo ($U=21.000$; $Z=-2.193$; $p=.028$; $r=.490$). Desta forma, é possível afirmar que as crianças não institucionalizadas apresentam um perfil desenvolvimental global mais elevado e competências superiores nas áreas de Audição e Linguagem ($M=108.62$; $DP=20.98$), e Cognitiva ($M=101.12$; $DP=17.10$), comparativamente às crianças institucionalizadas.



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

Tabela 1. Valores médios dos Quocientes de Desenvolvimento Globais e Específicos de Crianças Institucionalizadas e Não Institucionalizadas

	Grupo de Crianças Institucionalizadas		Grupo de Crianças Não Institucionalizadas		Comparação entre Grupos		
	Amplitude	Média (DP)	Amplitude	Média (DP)	U	Z	r.
Q D Global	61.54 -125.00	89.52 (19.64)	88.37-120.45	105.97 (11.22)	23.500	-2.004	-.448
QD Locomotor	75.00-136.36	102.09 (19.30)	95.45-139.53	115.45 (14.66)	27.500	-1.704	-.381
QD Manipulação	46.15-100.00	77.69 (17.92)	74.07-109.09	89.60 (12.23)	28.000	-1.667	-.373
QD Visual	38.46- 136.36	83.99 (28.48)	66.67-129.73	103.54 (17.50)	27.000	-1.741	-.389
QD Audição & Ling	46.15-136.36	87.21 (25.19)	76.74-145.95	108.62 (20.98)	24.00	-1.969	-.440
QD Fala & Ling	61.36-142.86	99.15 (29.77)	51.16-145.95	112.66 (26.06)	35.500	-1.100	-.246
QD Social	60.71-109.09	85.93 (17.78)	66.67-136.36	100.57 (24.78)	33.000	-1.287	-.288
QD Autonomia	68.18-124.44	96.33 (22.15)	97.78-151.35	116.53 (14.84)	26.500	-1.779	-.398
QD Cognitivo	40.38-127.27	82.26 (23.06)	77.78-136.36	101.12 (17.10)	21.000	-2.193	-.490

No tocante aos sexos, a comparação de valores médios (tabela 2) evidencia diferenças significativas de magnitude moderada no QD Global ($U=16.000$; $Z=-2.571$; $p=.045$; $r=.448$), QD Audição e Linguagem ($U=20.000$; $Z=-2.272$; $p=.023$; $r=.508$), QD Fala e Linguagem ($U=23.500$; $Z=-2.011$; $p=.044$; $r=.450$) e QD Cognitivo ($U=19.500$; $Z=-2.306$; $p=.021$; $r=.516$). Encontraram-se diferenças *quasi* significativas, com efeito de magnitude moderado nos resultados de QD Visual ($U=25.000$; $Z=-1.893$; $p=.058$; $r=.423$) e QD Social ($U=25.000$; $Z=-1.893$; $p=.058$; $r=.423$). Deste modo, quando analisadas as diferenças, verifica-se que é o género feminino o que apresenta valores médios globais de desenvolvimento mais elevados.

Tabela 2. Comparação de Valores Médios entre Sexos

	Masculino		Feminino		U	Z	r.
	Amplitude	Média (DP)	Amplitude	Média (DP)			
Q D Global	61.54-117.50	88.92(16.06)	70.45-125.00	106.58(15.20)	16.000	-2.571	-.575
QD Locomotor	75.00-139.53	106.15(19.62)	81.82-136.36	111.39(16.93)	41.000	-.682	-.152
QD Manipul	46.15-101.69	78.77(17.74)	66.67-109.09	88.52(13.48)	35.000	-1.136	-.254
QD Visual	38.46-120.00	82.75(26.41)	80.00-136.36	104.79(19.04)	25.000	-1.893	-.423
QD Aud & Ling.	46.15-111.11	85.88(19.14)	61.36-145.95	109.96(25.32)	20.000	-2.272	-.508
QD Fala & Ling.	51.16-135.00	93.97(27.43)	61.36-145.95	117.84(24.45)	23.500	-2.011	-.450
QD Social	60.71-120.00	83.41(19.85)	68.18-136.36	103.09(20.98)	25.000	-1.893	-.423
QD Autonomia	69.23-124.44	99.76(19.16)	71.59-136.36	113.10(21.72)	35.000	-1.136	-.254
QD Cognitivo	40.38-105.00	80.26(18.78)	68.18-151.35	103.12(19.47)	19.500	-2.306	-.516



PERFIL DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS E NÃO INSTITUCIONALIZADAS

Tabela 3. Valores médios de comparação entre sexos no grupo das crianças institucionalizadas.

	Crianças Institucionalizadas - Género				Comparação entre Sexos		
	Feminino		Masculino		U	Z	r
	Amplitude	Média (DP)	Amplitude	Média (DP)			
Q D Global	70.45-125.00	99.82(22.80)	61.54-100.00	82.66(15.53)	5.000	-1.492	-.472
QD Locomotor	81.82-136.36	111.69(25.32)	75.00-109.09	95.69(12.77)	8.000	-.853	-.017
QD Manipulação	66.67-100.00	84.85(17.67)	46.15-98.31	72.92(17.95)	7.000	-1.073	-.339
QD Visual	80.00-136.36	103.12(27.19)	38.46-106.67	71.24(23.00)	3.000	-1.919	-.607
QD Aud & Ling.	61.36-136.36	99.43(30.63)	46.15-98.18	79.07(19.51)	5.000	-1.497	-.473
QD Fala & Ling.	61.36-142.86	110.15(37.59)	64.29-120.00	91.82(24.20)	9.000	-.640	-.202
QD Social	68.18-109.09	90.75(17.86)	60.71-109.09	82.72(18.61)	9.500	-.535	-.169
QD Autonomia	68.18-123.81	102.54(25.06)	69.23-124.44	92.19(21.33)	11.000	-.213	-.067
QD Cognitivo	71.59-127.27	94.48(23.65)	40.38-93.33	74.11(20.56)	7.500	-.962	-.304

No tocante aos valores observados, por género, nos quocientes desenvolvimentais do grupo das crianças institucionalizadas, os resultados não evidenciam diferenças significativas (tabela 3). Contudo, o QD Visual apresenta uma acentuada ($U=3.000$; $Z=-1.919$; $p=.055$; $r=.607$), com uma magnitude elevada-moderada, na qual é o género feminino o que revela valores médios mais elevados ($M=103.12$; $DP=27.19$).

Tabela 4. Valores médios de comparação entre sexos no grupo das crianças não institucionalizadas.

	Sexo				Comparação entre Sexos		
	Feminino		Masculino		U	Z	r.
	Amplitude	Média (DP)	Amplitude	Média (DP)			
Q D Global	101.82-120.45	111.08(6.55)	88.37-117.50	98.31(13.26)	5.000	-1.492	-.472
QD Locomotor	95.45-120.00	111.19(11.45)	101.69-139.53	121.84(18.32)	8.000	-.863	-.273
QD Manipulação	75.68-109.09	90.97(11.05)	74.07-101.69	87.55(15.37)	10.000	-.428	-.135
QD Visual	87.27-129.73	105.90(14.31)	66.67-120.00	100.00(23.45)	12.000	.000	.000
QD Aud & Ling.	93.33-145.95	116.97(21.06)	76.74-111.11	96.10(15.28)	5.000	-1.492	-.472
QD Fala & Ling.	109.09-145.95	122.96(12.22)	51.16-135.00	97.20(35.47)	6.000	-1.295	-.410
QD Social	86.49-136.36	111.32(19.95)	66.67-120.00	84.45(24.53)	4.000	-1.706	-.539
QD Autonomia	97.78-151.35	120.14(17.99)	101.69-120.00	111.11(7.48)	8.500	-.748	-.237
QD Cognitivo	89.19-136.36	108.89(15.73)	77.78-105.00	89.48(12.82)	3.000	-1.919	-.607

Quando se analisam os resultados por sexo das crianças não institucionalizadas (tabela 4), observa-se que os QD Social ($U=4.000$; $Z=-1.706$; $p=.088$; $r=.539$) e Cognitivo ($U=3.000$; $Z=-1.919$; $p=.055$; $r=.607$) apresentam valores *quasi* significativos, de magnitude moderada. Deste modo, destacam-se as crianças do sexo feminino (QD Social; $M=111.32$; $DP=19.95$) e (QD Cognitivo; $M=108.89$; $DP=15.73$), que obtêm valores médios superiores em ambos os quocientes desenvolvimentais.



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

Com o objectivo de identificar sub-grupos homogêneos, ou seja, analisar se as crianças participantes apresentavam padrões de semelhança entre si, no que diz respeito aos Quocientes Desenvolvimentais, e se estes se associavam às variáveis sócio-demográficas e ao tipo de contexto familiar/Institucionalização, utilizou-se o procedimento de agregação *Wards* e determinaram-se e analisaram-se os *Clusters*. A medida de semelhança ou distância entre os pares de casos utilizada foi a distância Euclidiana.

O exame do dendograma, dos quadros de aglomerações, bem como a comparação entre os resultados obtidos resultaram numa solução final de três *clusters* interpretáveis de crianças, classificadas de acordo com os seus quocientes desenvolvimentais. Para facilitar a interpretação dos três *clusters* identificados, foram traçados perfis baseados nas médias estandardizadas para cada variável considerada.

DESCRIÇÃO DOS PERFIS DESENVOLVIMENTAIS

Cluster 1 (C1): Composto por três crianças, com idades compreendidas entre os 39-56 meses ($M=46.33$; $DP=8.74$), sendo o grupo que apresenta faixa etária mais elevada, 2 (67%) são do sexo masculino e 1 (33%) do sexo feminino, sendo as 3 (100%) institucionalizadas. O QD Global é inferior no *cluster 1* ($M=66.62$; $DP=4.59$), quando comparado com o *cluster 2* e *cluster 3* ($M=114.29$; $DP=6.51$). Todos os QD Específicos, relativos às diferentes áreas desenvolvimentais, apresentam resultados inferiores a, pelo menos, 1 desvio-padrão abaixo da média normativa (i.e., esperada para as suas idades cronológicas).

Cluster 2 (C2): É composto por nove crianças, com idades entre os 43-60 meses ($M=53.00$; $DP=6.42$), sendo 7 (78%) do sexo masculino e 2 (22%) do sexo feminino, sendo 5 (56%) institucionalizadas e 4 (44%) não institucionalizadas. O QD Global médio encontra-se dentro dos parâmetros normativos ($M=93.42$; $DP=6.65$). Os QD Específicos, nomeadamente o Locomotor ($M=106.37$; $DP=14.01$) e da Autonomia ($M=103.52$, $DP=14.68$) são elevados embora dentro da norma. Contudo, os QD médios relativos às áreas da Manipulação ($M=85.35$; $DP=11.87$) e Visual ($M=86.37$; $DP=16.85$) estão no limite de um desvio padrão abaixo dos valores considerados normativos, e cujos desvios padrões se revelam bastante elevados.

Cluster 3 (C3): Foram incluídas nove crianças, com idades entre os 37-50 meses, ($M=43.38$; $DP=3.85$), com 1 (12.5%) sujeito do sexo masculino e 7 (87.5%) do feminino, sendo 2 (25%) institucionalizadas e 6 (75%) não institucionalizadas. Este *cluster* é o que inclui idades cronológicas mais reduzidas. No que se refere aos QD médios Específicos, apresentam resultados mais elevados nas áreas da Autonomia ($M=121.72$; $DP=14.61$), Fala e Linguagem ($M=130.36$; $DP=10.93$) e Locomotora ($M=121.11$; $DP=13.10$), com valores médios superiores a um desvio-padrão (na área da Fala e Linguagem dois desvio-padrões) acima da norma para a idade cronológica. A área menos forte é a da Manipulação ($M=90.65$; $DP=13.88$), embora se encontre dentro do esperado face ao grupo normativo.

**PERFIL DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS E NÃO INSTITUCIONALIZADAS**

Tabela 5. Distribuição de valores médios em clusters.

	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3	
	Amplitude	Média (DP)	Amplitude	Média (DP)	Amplitude.	Média (DP)
Q D Global	61.54-70.45	66.62(4.59)	80.85-101.82	93.42(6.65)	107.14-125.00	11.29(6.51)
QD Locomotor	75.00-92.31	83.04(8.72)	89.36-139.53	106.37(14.01)	95.45-136.36	121.11(13.10)
QD Manipul.	46.15-72.73	59.87(13.31)	72.34-101.69	85.35(11.87)	66.67-109.09	90.65(13.88)
QD Visual	38.46-81.82	59.74(21.69)	65.45-111.63	86.37(16.85)	96.00-136.36	114.85(13.27)
QD Aud & Ling	46.15-75.00	60.84(14.43)	70.21-111.11	92.31(12.32)	93.33-145.95	118.13(19.50)
QD Fala & Ling	61.36-84.62	70.09(12.67)	51.16-120.00	96.10(23.30)	120.00-145.95	130.36(10.93)
QD Social	60.71-76.92	68.61(8.11)	66.67-109.09	87.28(17.49)	85.71-136.36	109.21(19.59)
QD Autonomia	68.18-85.71	74.38(9.83)	70.21-124.44	103.52(14.68)	97.78-151.35	121.72(14.61)
QD Cognitivo	40.38-71.59	56.97(15.70)	76.60-109.09	88.97(10.23)	85.71-136.36	107.78(17.39)

À guisa de conclusão, é possível afirmar que as crianças que vivem em contexto familiar apresentam resultados desenvolvimentais, em geral, mais elevados do que as crianças institucionalizadas (ver tabela 1). No que diz respeito ao género dos participantes, existem diferenças significativas, favoráveis ao sexo feminino. Estas propensões salientadas são igualmente evidenciadas nas características intra e inter-grupais evidenciadas pelos *clusters* identificados.

DISCUSSÃO

Observando os resultados das crianças institucionalizadas é possível constatar que apresentam um QD Global, e alguns específicos, tendencialmente inferior ao das crianças a viver em contexto familiar, corroborando resultados de diversas investigações (e.g., Vorria, et al., 1998a, 1998b, 2003, citados por Vorria, et al., 2006). Estes resultados, parecem demonstrar que o ambiente não institucional ou familiar proporciona um melhor desenvolvimento para as crianças, quando comparado com o ambiente institucional. A exposição a diversos factores de risco na infância prediz pobres resultados desenvolvimentais em fases posteriores (Obradovic, Burt, & Masten, 2006). Segundo Diniz (2003), o lugar natural para o desenvolvimento é, na nossa cultura, numa família. Sem os pais o filho não existe e não se desenvolve como pessoa equilibrada e criativa. Strecht (1999) salienta ainda a relevância da vinculação nos primeiros anos de vida, cuja inexistência pode originar situações de mal-estar psíquico e a criação de padrões extremos de relação ou comunicação, excessivamente abandonicos ou muito intrusivos. O que aprendemos e vivemos, posteriormente transferimos para o exterior, seja na família ou na sociedade.

Sobre o impacto e efeitos nefastos da institucionalização, Rizzini e Pilotti (1995), defendem que as crianças institucionalizadas, mesmo a receber cuidados primários, podem ter um desenvolvimento tardio da locomoção, linguagem, interacção social e dificuldade no estabelecimento das ligações afectivas. Há que considerar que este impacto pode ser diferente, consoante as circunstâncias, tendo em conta que há dissemelhanças consideráveis nas instituições de acolhimento de crianças, nomeadamente na cultura, tamanho e sistema de valores, o que torna inadequada a generalização (Heron & Chakrabarti, 2003).

O facto das crianças institucionalizadas terem resultados desenvolvimentais globais inferiores às crianças em regime não institucional, poderá estar relacionado com as circunstâncias de vida destas crianças antes e durante a instituição. Fisher e Bidell (1998) afirmam que a experiência de vida em contexto institucional constitui um aspecto de uma cadeia enredada de acontecimentos



DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS ACTUALES DE LA PSICOLOGÍA EN EL MUNDO DE LA INFANCIA

anteriores, contemporâneos e posteriores, numa relação complexa.

No respeitante ao género sexual, o presente estudo revela um desenvolvimento tendencialmente superior para o sexo feminino, corroborando resultados de outras investigações que defendem que pertencer ao sexo feminino se assume como um importante factor protector na vida das crianças (Daniel & Wassell, 2002).

Uma intervenção baseada no padrão global de influências na criança implica uma colaboração alargada, eficaz coordenação entre serviços e estratégias, e cooperação dos diversos elementos do ambiente da criança, aumentando assim a probabilidade de intervenção com sucesso.

As implicações práticas dos resultados poderão resultar em propostas de estratégias, com o intuito de alcançar níveis favoráveis de desenvolvimento infantil, sugerindo-se para isso um plano de acção promotor das competências menos desenvolvidas das crianças, que objective a existência de uma estimulação óptima adequada a cada criança. Para tal sugere-se:

sensibilização dos profissionais das instituições de acolhimento de crianças, para os efeitos nefastos da institucionalização e sua motivação, no sentido de conhecer e implementar estratégias específicas promotoras do desenvolvimento;

partilhar com os técnicos responsáveis pelas crianças, os resultados obtidos no presente estudo, permitindo assim um maior conhecimento acerca das competências onde as crianças necessitam de uma maior estimulação;

em áreas onde os resultados apresentam alguma carência de intervenção, sugerem-se *workshops* de sensibilização para pais e educadores, para que possam modificar ou introduzir novas estratégias nos modelos educacionais que aplicam.

Os resultados da presente investigação, remetem desta forma, para a necessidade de promoção de actividades específicas, de acordo com as necessidades desenvolvimentais de cada criança.

O presente estudo comporta algumas limitações que se prendem com o facto de no instrumento utilizado, as referências das idades serem muitas vezes sinalizadas por défice, o que faz com que muitas crianças sejam avaliadas como se tivessem uma idade inferior, quando na realidade podem estar próximo do escalão etário seguinte (grelha de avaliação). Outro limite refere-se com a utilização de um só instrumento, considerando-se que o recurso a outros materiais poderia identificar novos aspectos associados à condição de institucionalização das crianças, ainda não encontrados em investigações prévias. Por fim, a existência de 3 observadores, inevitavelmente com diferentes características, a recolherem dados poderá ter imprimido um carácter dissemelhante à situação de avaliação do desenvolvimento dos participantes, embora a concordância inter-observador estivesse contemplada nos critérios pré-definidos pelo instrumento.

Em termos de sugestões para futuras investigações, apontamos a pertinência de investigar as diferenças desenvolvimentais de crianças a viver em diferentes circunstâncias, nomeadamente: (a) com famílias de risco em vias de institucionalização; (b) crianças institucionalizadas, tendo como referente o seu tempo de institucionalização; (c) crianças adoptadas, com experiência de vida em instituição e (d) crianças a viverem com os pais biológicos. Mais ainda, ao constatar que nesta área existem poucos estudos longitudinais, apontamos também como sugestão esta opção *design* para futuras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, A. S. (2009). *O processo de adopção: as características e a perspectiva das famílias adoptivas e a resiliência das crianças adoptadas*. Tese de Doutoramento não publicada, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Portugal.

Bellman, M., Lingham, S. & Aukett, A. (1996). *Schedule of growing skills II*. London, UK.

Benoit, T., Moddeman, D., & Embree, J. (1996). *Romanian Adoption: The Manitoba experience*.

**PERFIL DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS E NÃO INSTITUCIONALIZADAS**

- Archives of Pediatric and Adolescent Medicine*, 150, 1278-1282.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1998). *A secure base – Clinical applications of attachment theory*. Londres: Routledge.
- Brito, R., & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A. M. Carvalho (Ed.), *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp.115-129). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Daniel, B., & Wassell, S. (2002). *Assessing and Promoting Resilience in Vulnerable Children: The Early Years*. London: Jessica Kingsley Publishing.
- Dell’Aglío, D., & Siqueira, A. (2005). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18, 71-80.
- Diniz, J. S. (2003). Adopção como problema e como resposta. *Cidade solidária*, X, 20-26. Retirado a 3 de Janeiro de http://ww3.scml.pt/media/revista/rev_10/A_Adopcao.pdf
- Fontoura, A. (2008). *E quem me abraça agora? Aspectos Psicossociais da Organização e Funcionamento dos Centros de Acolhimento na Primeira Infância*. Tese de doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Fisher, K., & Bidell, T. (1998). Dynamic development of psychological structures in action and thought. In W. Damon, & R. Lerner (Eds.), *Handbook of Child Psychology* (vol. 1). New York: Wiley.
- Gonçalves, J. (2008). *Depressão pós-parto da mãe e retraimento social do bebe*. Minho: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.
- Heron, G., & Chakrabarti, M. (2003). Exploring the perceptions of staff towards children and young people living in community-based children’s homes. *Journal of Social Work*, 3, 1, 81-98.
- Martins, P. (2005). *A qualidade dos serviços de protecção às crianças e jovens - As respostas institucionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Obradovi, J., Burt, K. B., & Masten, A. S. (2006). Pathways of adaptation from adolescence to young adulthood: Antecedents and correlates. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1094, 340-344.
- Ramião, T. (2004). *Lei de protecção das crianças e jovens em perigo anotada e comentada. Jurisprudência e legislação conexa*. Lisboa: Quid Júris – Sociedade Editora.
- Rizzini, I., & Pilotti, F. (1995). *A Arte de Governar Crianças: a História das Políticas Sociais, da Legislação e da Assistência à Infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Universitária Santa Úrsula.
- Rutter, M. (1981). *Maternal Deprivation Reassessed*. Canada: Pinguin modern psychology.
- Soares, I. (2002). Construção da vinculação: da relação ao self e do self às relações. In Aquém e além do cérebro: Relações interpessoais excepcionais. *Actas do IV Simpósio da Fundação Bial*, (181-204). Porto: Fundação Bial.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment e Human Development*, 7, 349-367.
- Strecht, P. (1999) *Preciso de ti: Perturbações Psicossociais em crianças e adolescentes*. Lisboa, Ed. Assírio e Alvim.
- Vorria, P., Papaligoura, Z., Sarafidou, J., Kopakaki, M., Dunn, J., Van Ijzendoorn, H. & Kontopoulou, A. (2006). The development of adopted children after institutional care: a follow-up study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, 12, 1246-1253.
- Vorria, P., Rutter, M., Pickles, A., Wolkind, S., & Hobsbaum, A. (1998a). A comparative study of Greek children in long-term residential group care and in two-parent families. I: Social, emotional, and behavioral differences. *Journal of Child Psychology*, 39(2), 225–236.
- Vorria, P., Rutter, M., Pickles, A., Wolkind, S., & Hobsbaum, A. (1998b). A comparative study of Greek children in long-term residential group care and in two-parent families. II: Possible mediating mechanisms. *Journal of Child Psychology*, 39(2), 237–245.